

DESLOCAMENTOS: AVANÇOS OU RETROCESSOS?

Jaçanã RIBEIRO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Começo agradecendo pela oportunidade e parabenizando as colegas (painelistas) por suas belas leituras. Em especial, agradeço a Regina Mutti pelo mote que direcionará aqui minha fala: “admitir novas interpretações é condição de prosseguir”. Minha proposta será a de ilustrar essa questão da interpretação e de colocar por fim alguns questionamentos.

Na análise da desconstrução e reconstrução da Ad-3, Regina Mutti coloca que esta “época” produz efeitos de sentido diversos, diferentes interpretações da AD, que seriam o indício de uma atuação dinâmica do sujeito na prática científica. Tal atuação é afetada pela multiplicidade e incompletude dos sentidos, o que não só explica as diferentes maneiras de filiação/ desfiliação à AD, mas também as competições entre especialistas, as desconfianças e as discordâncias sobre modos de apropriação da teoria, na confluência das três regiões do quadro epistemológico da disciplina.

Considero tal reflexão extremamente pertinente para o momento atual de desenvolvimento da teoria. As falas que ouvimos neste seminário o comprovam claramente.

Mas antes de refletir sobre tais falas (e falhas), trago à lembrança um texto do prof. Courtine, da revista *Langage* no. 13, de 1991, intitulado *Le Discours Introuvable*. Neste texto, Courtine comenta o que chamou de “desmarxização” em pesquisas em AD na França, que antes de primarem pela dimensão histórico/crítica, apontam para a primazia da linha empírico/formalista. Nas palavras de Courtine:

“Existia uma análise do discurso que queria articular história e lingüística. Existem agora as análises de discurso que abandonaram, na sua maior parte, uma tal projeto” (COURTINE, 1991).

Ainda segundo o autor, nessas interpretações resta muito pouco do papel desempenhado pela AD como política marxista no interior das ciências humanas (projeto de Pêcheux); em suma, “a AD se gramaticalizou”, e o que se entende por discurso sofreu uma abstração considerável devido à “redução do histórico ao político, do político ao ideológico, do ideológico ao discursivo, do discursivo ao sintático...”.

Inspirado pelo texto de Regina Mutti, que aborda claramente deslocamentos interpretativos da teoria, trago aqui a filiação um pouco diferenciada de Leandro Ferreira, para quem tal gramaticalização da AD não é o sinal do fim de uma “utopia política”, como coloca Courtine, pois afirma que:

“O quadro teórico alterou-se, isto é certo (e mais ainda a conjuntura em que ele se situa), mas seus fundamentos não foram “minados” a ponto de inviabilizar uma continuidade. O projeto soube, nesses anos, alicerçado nos postulados da relação história/sujeito/ linguagem, manter-se vivo, aberto, quando possível, a novas interfaces.” (LEANDRO FERREIRA, 2000, p. 42)

Temos aí duas interpretações diferentes da teoria, sentidos diferentes como os que foram produzidos ao longo deste seminário. Grosso modo, a relação com a psicanálise, a pertinência da leitura althusseriana e a importância de Foucault para a AD foram, por assim dizer, os pontos fortes dos debates que aqui ocorreram, sem, contudo, representarem um consenso, o que está afinadíssimo com o texto de Regina Mutti. Em particular, e, do alto de minha ainda breve iniciação na teoria, coloco apenas alguns questionamentos, inquietações, sobre a proposta aqui lançada de pensar a AD pelo viés Foucaultiano, que se promove após a “morte” do materialismo histórico tal como o pensou Althusser. Lembrando o texto do prof. Courtine, com relação ao afastamento da proposta original, me pergunto se a abordagem política de Foucault daria conta da necessidade prática da proposta inicial da AD, ou se tal necessidade não existiria mais. Que reformulações seriam necessárias para uma abordagem do lingüístico não mais como materialidade ideológica, e como saber se tais reformulações não seriam, lembrando o texto de Regina Mutti, “respingos destrutivos de uma reconstrução”?

Iluminado ainda pelo fechamento de seu texto, que coloca a transformação da AD como resposta às “necessidades de nosso tempo”, penso na exploração econômica do homem pelo homem, nas visões de língua reificadas que dominam na academia e, como colocou aqui a prof.a Mônica Zoppi-Fontana, nas armadilhas ainda presentes na prática científica. Tais questionamentos, inquietações, também são fruto de representações da teoria. Para terminar, permito-me fazer repetir uma metáfora recorrente durante o seminário, desta vez em forma de pergunta: o bebê já está bem limpinho para jogarmos a água fora?

Referências Bibliográficas:

COURTINE, Jean-Jacques. Le Discours Introuvable: marxisme et linguistique. *Histoire, Épistémologie, Langage*, n. 13/II, p. 153-171, 1991.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/ UFRGS, 2000.